

**O CORPO (HOMO)SEXUAL EM DISCURSO:
AS PRÁTICAS DISCURSIVAS CINEMATOGRAFICAS QUE
(DES)CONSTROEM OS LAÇOS EM FAMÍLIA**

Marceli Cristina Coelho (UEM)
marcielicoelho@yahoo.com.br

RESUMO: O desejo da (homo)sexualidade que até há pouco tempo nem sequer era mencionada na “ordem arriscada do discurso”, agora está vigente na ordem do dia. Embora em vigência na atualidade, essas relações instauram temor à grande parte da população, dada a desestabilização sobre os alicerces que sustentam a estrutura da família tradicional. Tais implicações incidem sobre o político e o social, produzindo árduos contrapontos e duros diálogos, pois ao mesmo tempo em que um regime de olhar se estabelece, relações homoafetivas são normalizadas. Em contrapartida, a norma, por si só, não produz a normalização, e sim incide e promove um efeito de pânico moral na sociedade ocidental. O pânico aumenta, à medida que as práticas sexuais e amorosas são reorganizadas pelo casamento em uma relação imaginária com o Estado, afetando, diretamente, a instituição que rege a família. Considerando que o dispositivo da aliança e da sexualidade são regidos pela biopolítica, e, portanto, estão nas malhas do poder, as mudanças nos modos de relações homossexuais criam possibilidades à instituição família e ao Estado de requerem condutas que fazem viver o pacto da aliança e a deixam morrer a possibilidade de existência de relações outras, não normalizadas. Sob tal perspectiva, a prática discursiva cinematográfica é, para essa materialidade discursiva, superfície de existência de enunciados que (re)apresenta, constitui e (re)significa essas outras relações. Dessa forma, este trabalho objetiva compreender o modo como o discurso cinematográfico, por meio de um simulacro do cotidiano das relações, institui regimes de verdade acerca da união homoafetiva enquanto mecanismo normalizador dessas relações, questionando a conduta ética-moral que designa o medo de mudança.

Palavras-chave: (homo)sexualidade; norma/normalização; pânico moral; biopolítica